

O maior distrito de Campinas

B. Geraldo: onde até o boi falou

Aqui começa a história do maior distrito de Campinas: o Distrito de Barão Geraldo. E, como toda a história, era uma vez um conto de realza, que inclui a "Águia de Haia", um boi que fala, um time de futebol, uma universidade estadual, a velha Maria Fumaça e seu maquinista — influente senhor da região — e, até, a própria população. Afinal, como toda história, o Distrito de Barão Geraldo cresceu em muito graças à sua população, "bairrista", como afirma o Seu Hélio Leonardi. E é o Seu Hélio, ao lado do seu irmão, Orfeu, e do correspondente do **Diário do Povo**, Alan Gomes, que contam um pouco do mundo interminável de romantismo, desenvolvimento e lendas que é Barão Geraldo. Unindo a tradição ao crescimento — sem deixar a beleza morrer — o distrito é, sem dúvida, o protótipo do saber juntar o útil ao agradável. Com vocês, as lendas, magias e mistérios de Barão Geraldo. Reportagem: Ronaldo Faria. Fotos: Carlos de Souza Ramos.

No caminho dos tropeiros, as vendas cresciam

Com 67 quilômetros quadrados de extensão, Barão Geraldo já chegou a pertencer a Cosmópolis, antes de ser de Campinas. E foi nas terras de duas importantes fazendas — Rio das Pedras e Santa Genebra — que a maioria das estórias nasceu. Confluência de regiões e estradas — a velha estrada de Cosmópolis e a dos fazendeiros (atual da Rhodia) — o distrito era uma área de chacareiros e leiteiros, cobizada, porém, para a instalação de oficinas de ferreiros e vendas, que abasteciam os tropeiros e viajantes.

Para Campinas, depois que as duas estradas bifurcavam numa só, tinha-se um caminho até a Vila Nova. Mas também existia a velha ferrovia da Funilense — a quem os moradores preferem lembrar ao invés da sua sucessora (que a arrendaria) Sorocabana. E é assim que os irmãos Leonardi mostram um pouco de Barão antes de 1947 — quando Luís Vicentini loteou os primeiros terrenos.

Tendo o nome do Barão Geraldo Ribeiro de Souza Resende, o distrito foi conhecido durante muito tempo como a "Terra que o boi falou". A lenda, segundo Seu Hélio, vem do tempo ainda da escravatura. "Existia um capão (local onde o gado descansava) no lugar que hoje é a entrada para a Unicamp. Foi quando, numa sexta-feira santa, o administrador da Fazenda Santa Genebra mandou um escravo ir apanhar um boi pra fazer um trabalho".

"E lá foi o escravo. Chegando no capão ele viu um boi deitado e tentou pegá-lo pra levar conforme as ordens do administrador. Foi a conta: o boi virou pro escravo e falou que não trabalhava. "Hoje não é dia de se trabalhar. Hoje é sexta-feira maior". O homem saiu numa carreira danada. Chegando na fazenda o administrador perguntou pelo boi, e o escravo só soube responder: o boi falou!"

Encantos que já conquistaram um rei e a rainha

A lenda aos poucos foi se espalhando e o lugar ficou sendo conhecido como "a terra que o boi falou". Para os moradores, no início, era uma ofensa se afirmar tal calúnia. Muitos afirmavam que tudo não passava de uma mentira e outros lembravam que quem falou foi um homem, escondido detrás da árvore onde o boi estava deitado. Mas atualmente, afirma seu Hélio, é impossível se ter raiva de uma estória que faz parte da vida do lugar.

E Barão Geraldo tem por que se orgulhar de si mesmo. Era lá, na mesma casa de um amigo, próximo à antiga estação da Funilense, que a "Águia de Haia", ou Rui Barbosa, pernoitava e, por vezes, passava dias. "Um dia eu mesmo vi o Rui Barbosa descer do trem aqui no distrito". Mas não só ele conheceu os encantos do lugar. Campos Salles, Roberto Carlos e a Rainha Elizabeth também visitaram Santa Genebra e sua densa mata — hoje patrimônio cultural da cidade de Campinas.

Outra figura que fez história na região foi Arthur Nogueira, dono da usina de açúcar Esther. Maquinista, nos primórdios da Ferrovia Funilense, ele com a sua usina levou a Cosmópolis o desenvolvimento e a chegada da ascensão. "A usina chegou a ter banda de música e time de futebol. Era incrível. Tinha também um trem só dela, fazendo a linha até a antiga estação Carlos Botelho, hoje Mercado".

A lenda sobre Arthur Nogueira traz consigo a figura de Armando Rodrigues, homem de sua confiança. "Um dia o Arthur se desentendeu com um homem tido como valentão, e esse prometeu matá-lo. Tal dia, ao meio-dia, eu vou te matar — disse o homem. Então o Arthur Nogueira ficou nervoso, apreensivo. Foi quando, um dia antes, o Armando visitou a usina e viu o nervosismo do Arthur".

"Homem corajoso, ele ouviu a estória toda e prometeu que ninguém entrava na usina. No dia marcado estava ele pela manhã, cartucheira pendurada, esperando pelo tal valentão". A cena, a partir daí, começa a ser relatada como num cinema. Parecia mentira, mas o homem chegava.

E vinha decidido a fazer justiça com as próprias mãos.

- Aonde você pensa que vai? — perguntou Armando.
- Não tenho de dar satisfações a você...
- O senhor não vai entrar aqui.
- Eu vou!

No silêncio de Barão Geraldo dois tiros ecoam no espaço. Ao tentar abrir a porteira da usina, o homem tomba morto. Arthur Nogueira seria sempre grato a Armando Rodrigues.

A gratidão de Arthur: um trem só para o amigo

"A prova disso — relata Seu Hélio diante da sua casa (onde ainda existe ferraria que trabalha) — é que uma vez, na estação de Carlos Botelho, o trem estava cheio de gente pra vir pra cá. Acontece que o Armando não queria subir nele cheio. Então o Arthur Nogueira virava pra ele e dizia: "sobe, Armando, que tem lugar". Mas o homem não subia e afirmava que no trem cheio ele não ia. Acontece que o trem tinha de partir e nada do Armando subir".

"Foi então que o Arthur tentou outra vez, em vão. Alí o Armando virou para ele e disse: "vai até Barão Geraldo e depois volta aqui e me apanha". E foi dito e feito. "Arthur Nogueira — eu vi — voltou com o trem vazio só pra buscar o Armando. Também, lhe devia a vida". Assim é Barão Geraldo, desde 30 de dezembro de 53 elevado a Distrito. "Sobre isso, inclusive, eu queria deixar uma coisa bem clara. Não fui eu que consegui sozinho esse feito. Fazia parte do grupo e assinei o decreto. Mas quem conseguiu tudo foi o Guido Camargo Penteadinho Sobrinho".

A explicação, segundo Seu Hélio, é que na época Guido Sobrinho — morador do grupo dos mais antigos — era vereador e, por isso mesmo, não podia assinar. "Além disso, ele era da UDN e quem mandava na época era o PTB". Antes, em 1935, 12 proprietários já tinham instalado luz elétrica particular, retirada de uma rede. Em 50, chegaria a luz pública. O primeiro telefone chegou em 63 e a linha de ônibus em 68. Depois foi a vez do progresso.

Quem se excedia nas festas, ia para o coreto

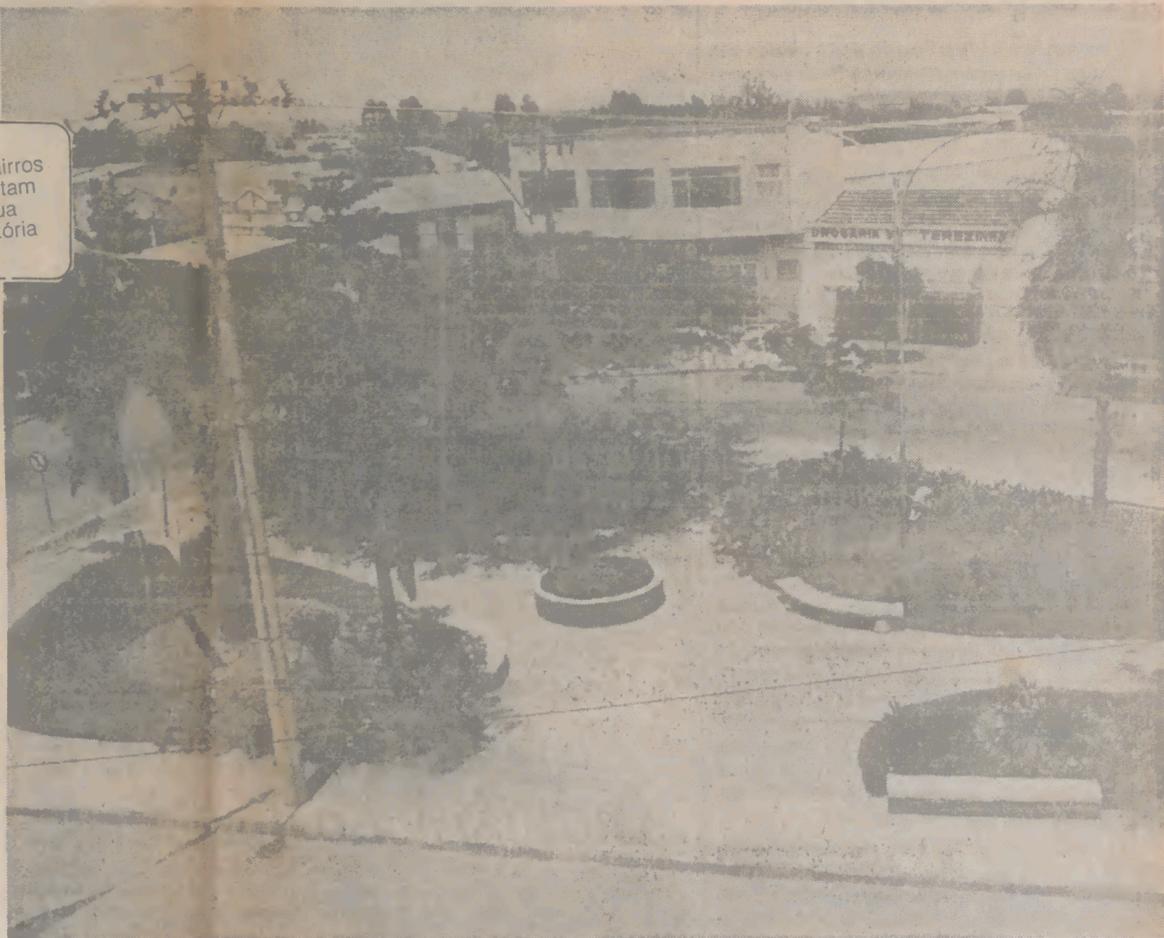
Porém, resquícios do passado ainda convivem com o presente. Um caminho de bambus, por onde só o Barão Geraldo Ribeiro de Souza Resende passava, em plena mata de Santa Genebra; restos dos trilhos da Funilense (da qual o Barão foi um dos fundadores) que ainda existem na atual rua Maria Luiza Burato Pátaro; e até pouco tempo ainda visível o velho coreto na Praça central da Avenida Santa Isabel são exemplos práticos. Quem lembra dele é Orfeu Leonardi. "Bandas costumavam tocar lá em épocas de festa". Sempre em julho, mês de Santa Isabel, padroeira de Barão Geraldo, as quermesses, fogos e festas enchem de sons e beleza a região. A Praça 31 de Dezembro ainda guarda as lembranças.

Mas, com um quartinho embaixo, o coreto servia também de cadeia. "Todo mundo que ficava um pouco mais alegre era levado pra lá". E para o seu Orfeu eram essas festas e as missas que reuniam os casais. "Era difícil se namorar, por isso geralmente você falava com a moça, ou alguém ligado a ela, marcando encontro na missa ou nas festas". As missas antes eram realizadas na antiga capela construída em 1896.

"O construtor tinha sido o Totó Galvão, ou Antonio Arrabal Galvão de Barros, e os tijolos para a construção eram trazidos de carro de boi da olaria que existia na fazenda Rio das Pedras". Até 1963 a capelinha resistiu. Depois, ela foi destruída e em seu lugar construído um banco.

A nova capela, de Santa Isabel, foi construída logo depois. "Foi uma dificuldade completar a obra, pois se contruiu aos poucos".

Parte da história de Barão Geraldo está ligada também ao futebol e o seu clube: o Barão Geraldo Futebol Clube. Os trei-



Maiores distrito em extensão, Barão Geraldo conseguiu conciliar com harmonia a tranquilidade com o progresso crescente

nos eram feitos próximo da estação e o perigo era perder a bola. "Nos rezávamos para não furar, e eu acho que Santa Isabel sempre nos ajudou". Ajudou certamente, na vitória contra o São Bernardo do Campo, na década de 40. Era um domingo e lotou o pequeno campinho do distrito. "Até hoje não sei se era verdade ou não, pois o time deles era uma seleção".

No futebol, a vingança e a consagração

Mas a grande vitória ficou realmente para 73, quando o Barão Geraldo levantou o título de campeão da várzea. A viagem até o campo do Mogiana foi de caminhão, fugindo da Polícia, como afirmou seu Hélio.

E naquele dia a estória do "boi falou" foi vingada. "Nós entramos com um berrante de chifre de boi na arquibancada e, pra botar moral, gritamos logo que éramos da terra onde o boi falou. A torcida da Vila Costa e Silva, nossa adversária no dia, teve de se calar. Dentro e fora do campo, ganhamos".

A vitória foi de três a um, com Airton (meia-direita) e Lula (meia-esquerda) acabando com o jogo. "Nós fizemos uma excelente partida e os destaques também ficaram para o Wilson (goleiro), Mirão (quarto-zagueiro) e Patrielli (lateral)". Mas o craque-maior do Barão Geraldo foi, sem dúvida, Domingos Valentin. Segundo os irmãos Leonardi, um gentleman e jogador inigualável no trato da bola. "Ele era tio de Odete Valentin, a atleta que também é daqui, da Fazenda Rio das Pedras".

E atualmente, maior distrito em extensão e talvez em progresso, Barão Geraldo mantém viva a imagem do seu início e progresso. Hoje a Unicamp — com a sua cidade universitária — contrasta com o zoológico do velho Anísio Abraão, num misto de realidade e crescimento. Aos poucos, o distrito conseguiu aliar a harmonia entre a prosperidade e industrialização.

Dono da maior reserva ecológica de Campinas — a Mata de Santa Genebra — os caminhos difusos entre crescer e fazer morrer o passado erraram de rota. O rumo — a estrada criada pelo distrito, suas tradições e moradores — conseguiu vir e ficar. "Não troco aqui por nada. Podem me dizer que dão outro lugar, bem maior, mas não. Aqui é o melhor lugar do mundo".



A mata da Sta. Genebra: santuário ecológico que conquistou a Rainha Elizabeth



Buracos: um inconveniente que o distrito espera ver solucionado

Disque 32-1222
Lugar de anúncio é na boca do povo.
Diário do Povo

POSTO GUIDOSHEL

Há mais de 30 anos servindo a população de Barão Geraldo, agradece à preferência e...
Parabéns!!!

Av. Albino José Barbosa de Oliveira, 1001
Barão Geraldo - Campinas - SP
Fone 391442

CARVALHO MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA.
"MATERIAIS EM GERAL"
BÁSICO AO ACABAMENTO
FAÇA-NOS UMA VISITA E USUFRUA DE NOSSOS PLANOS - FINANCIAMENTO DE ATÉ 24 MESES
PARABÉNS BARÃO GERALDO E SOMOS GRATOS PELA PREFERÊNCIA
RUA 27 - LOTE 2 - QUADRA 23 - F: 39-1186 DDD 39-3901
0192-39-4361 BARÃO GERALDO - CAMPINAS - SP

Supermercado Barão Ltda.
HÁ 7 ANOS
ACOMPANHANDO
DESENVOLVIMENTO DE BARÃO SAÚDA
A TODOS OS MORADORES E CLIENTES
AV. BENEDITO ALVES ARANHA, nº 130 -
BARÃO GERALDO.

GALLETI CAR
COMÉRCIO DE VEÍCULOS
Acompanhando o desenvolvimento de Barão Geraldo: Saúde a toda sua população
V-26044-02/02

CALÇADOS BRIMA LTDA.
• Últimas Novidades em Calçados
• Grandes Variedades em Modelos Infantis
CONHEÇA NOSSOS PLANOS DE PAGAMENTO
PRESENTES EM BARÃO GERALDO: PARABÉNS!!!
Rua Benedito Alves Aranha, 23 a 29
Barão Geraldo - Campinas
Fone 39.1108. 26044-02/02

ZEZA AMARAL

Força, Marta!

Tem um bando de crianças nesta cidade que ao invés de estarem correndo atrás de passarinho, de balão, ou soltando pipa, estão dando um duro danado para ajudarem no orçamento da casa. Ou melhor, do barraco.

Tem o "Galego", por exemplo, que é um garotinho de oito anos e que desde os seis vende limão pro pessoal que anda pelo centro da cidade. Perdeu o pai, e a mãe esfrega roupa no tanque. Marca de sabão em pó: muque.

O leitor conhece o Marquinho? Tem dez anos e fatura quase 800 cruzeiros por dia engraxando o pó da cidade. Sem essa grana os dois irmãos menores, um de três e o outro de dois, estariam engrossando as estatísticas vergonhosas da mortalidade infantil brasileira. Também não tem pai e a mãe dele trabalha de faxineira numa fabriqueta do São Bernardo, de sábado e domingo; e no resto da semana vende bilhete de loteria.

Essa moçadinha, gente, trabalha muito mais do que sonha a vã filosofia do Ministro do Trabalho. Além de batalharem duro, ainda têm de fugirem — muitas vezes o negócio tem de ser resolvido no braço — dos pilantras adulescentes da cidade, pilantras que um dia foram meninos trabalhadores e que descobriram que trabalho honesto além de render quase pouco não dá moral pra ninguém. No submundo, gente, quem tem "bronca na polícia" é rei. É essa a roda-viva dos meninos trabalhadores, um dia mocinho, amanhã bandido.

Agora, tem gente que não percebe certas coisas elementares que, preconceituosamente, ajudam o próprio sistema a converterem esses meninos em futuros marginais. Sei que é duro falar isso mas os fatos estão aí pra quem tem estômago forte e olhos sensíveis.

É o caso de um guarda que toma conta da segurança de uma feira-livre, na Rua Marcondes Salgado, no Bosque, nas sextas-feiras. O referido guarda não deixa a meninada, que vai à feira pra carregar as sacolas das donas de casa e faturar uma gorjeta. Na semana passada, uma amiga me contou que viu o guarda bater num menino, que nos cascos e pescocões, acabou quebrando a tiara de sua sandália havaiana. Depois de discutir com o guarda ela foi até o menino perguntar se este havia se machucado, coisa e tal. Só que a criança não era um menino, era uma menina. Marta, o nome dela. Marta tem vários irmãos. Ou melhor, irmãs. A mais velha é ela, que trabalha de carregador na feira, e a outra irmã mais nova trabalha de engraxate.

Gostaria muito de ter podido escrever mais palavras bem bonitas pra Marta e para os amigos leitores, palavras de conforto e esperança. E com muito carinho. Mas a barra da Marta, como de muitos meninos por aí, não é fácil de segurar. E longe de mim passar um mercúrio cromo nesta imensa ferida social, que não arde mas também não cura. Só queria pedir uma coisinha: alguém tem de conversar com este guarda e dar um jeito, sei lá, de cadastrar essas crianças que carregam sacolas das donas de casa. Mas eu não digo e nem preciso. Força aí, Marta!



Papelão Andrade: funcionários e demitidos na porta da empresa

Papelão Andrade: a indefinição continua

Enquanto a situação continua indefinida para os 200 funcionários demitidos da Indústria de Papelão e Caixas Andrade, que ainda não conseguiram receber da empresa o pagamento de dezembro e janeiro, décimo-terceiro, férias e Fundo de Garantia, os 30 empregados que não foram demitidos e que também não receberam, estão certos de que a empresa não fechará. Para os mais antigos funcionários da empresa, o que os proprietários estão querendo é renovar o quadro de empregados, já que a maioria dos atuais, está quase aposentando e não tem o nível de produção desejado.

Talvez por ser a fábrica o centro de suas vidas, já que moram ao lado dela, em casas que foram construídas pela empresa e que deram origem ao lugarejo onde vivem como uma grande família, os empregados tenham ainda esperança e queiram acreditar que a Papelão Andrade não fechará. Ontem, os funcionários que estavam na fábrica cumprindo sua jornada de trabalho, mesmo sem atividade alguma, (desde que a produção foi interrompida no dia 27 passado) e alguns demitidos que foram levar os documentos para acertar as contas, lembravam do passado e davam suas opiniões sobre o futuro.

Lídio Sandrine, há 33 anos na Indústria viu todo processo de construção da Papelão Andrade. Seu antigo patrão, Luís Andrade, que possuía em lugar da fábrica a Fazenda Lição, produzia nos 10 alqueires, café, milho e algodão. Resolveu, no entanto, parar com a lavoura e deixar para os filhos uma indústria, de pequeno porte. Parte do terreno foi utilizado para a instalação dos barracões da fábrica, onde começou a produção de papelão compacto. Aos poucos foram construídas ao redor, as atuais 110 casas, que se destinam à moradia dos empregados, que tornaram o lugar uma comunidade eminentemente fabril.

"Os negócios iam bem", lembra Lídio Sandrine. A empresa começou a fabricar papelão ondulado e caixas que fornecia para empresas como o Frigorífico Anglo, Vidraria Anchieta, Ibras e CBC, entre outras. Contava, até 1969, com mais de 300 funcionários, quando ocorreu a primeira concordata. De acordo com Sandrine, "ficamos 5 meses sem receber". Daí para frente, aos poucos, foram sendo demitidos alguns empregados e os negócios não se estabilizaram mais. Em 80, outra concordata e mais demissões.

No final de janeiro, as três máquinas e os 240 funcionários que estavam dando conta de uma produção de 15 toneladas de papelão a cada 24 horas, pararam. Hoje, o estoque de papel da empresa é de 20 toneladas e as perspectivas são incertas.

Na comunidade a única certeza é de que não ficaram sem casa, já que enquanto a empresa não saíam seus débitos, calculados em Cr\$ 30 milhões pelo advogado do Sindicato, Rinaldo Corazola, que está tomando conta dos processos judiciais, os funcionários permanecerão, por direito, nas residências. Como diz Isaura Crispin, demitida depois de 27 anos de empresa, "nossa única segurança é a casa, vamos ter que ficar aqui até que acertemos as contas".

A empresa concorda com a permanência, porém, não pretende continuar com a escola que atende mais de 70 crianças. A diretoria quer vender o barracão que está abrigando a escola e os funcionários estão descontentes com o fato. Tudo evidencia um processo moroso de decisões. Nem a empresa paga seus débitos, nem os funcionários entram na Justiça para requerer seus direitos. Alguns o fizeram, mas outros, estão querendo resolver "por bem" para receber o quanto antes. Este é o pensamento da senhora Isaura Crispin, que sabe que na Justiça só iria receber seu dinheiro depois de 1 ano, ou mais.

Diretoria ainda não tem soluções

Da parte da empresa, a diretoria ainda não se apresentou com uma solução prática para quitar as dívidas. Embora o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Papel e Papelão sugerisse a venda de parte do terreno para o pagamento dos funcionários, a diretoria só se mostrou favorável a vender algumas máquinas. Segundo Alcides Neozone, membro do Sindicato e funcionário da Andrade, a diretoria só terá uma reunião quando houver uma petição preparada pelo advogado do Sindicato para pedir ao juiz a liberação da venda das máquinas, pois, por estar em concordata, a empresa não pode fazer qualquer operação. Até o final da semana alguma coisa deve estar definida, quando o Sindicato e a diretoria deverão se reunir.

O advogado Rinaldo Corazola, que está assessorando juridicamente os demitidos, disse ontem que a única medida prática é encaminhar os processos, para que a empresa pague o que está devendo. Quanto aos motivos que levaram a Indústria de Papel e Papelão Andrade a esta situação de insolvência, só a diretoria poderia esclarecer. E ontem, André Plotoski, diretor da empresa que se encontrava na indústria, não quis dar nenhuma declaração à imprensa, evitando atender ao repórter.

Bird pode financiar um projeto da CPFL

Os técnicos do Bird que estão em Campinas em visita à CPFL, numa missão que visa a participação do Banco Mundial no plano quinzenal de investimentos da Companhia para ampliação do sistema elétrico em 222 municípios, passaram a tarde de ontem reunidos com os diretores técnicos e financeiros da empresa, tomando conhecimento de todo programa para o período de 83 a 87. Hoje, será discutida especificamente a questão do financiamento do Bird, que possibilitará em futuro próximo a instalação da rede subterrânea de eletrificação em Campinas.

O representante do Bird, Franco Ruberl e o técnico da Eletrobrás, Jorge Magalhães Gondim, reunidos com o diretor técnico Sérgio Eduardo

Fronterotta e com João Batista Dias, diretor financeiro da CPFL, foram informados sobre as intenções da empresa, dentro do programa que já vem sendo efetuado, de caráter social, como fornecimento de energia PPM — Padrão Popular Mínimo — distribuição de luz para toda periferia e intensificação da eletrificação na zona rural de toda região de Campinas.

Se as negociações de hoje forem positivas ao financiamento, o primeiro aporte do Bird, no valor de Cr\$ 6 bilhões, deverá ocorrer a partir de 84. Nos anos seguintes essa participação será reajustada para manter-se em 33% dos investimentos totais previstos pela CPFL, de quase Cr\$ 18 bilhões.

Imposto de Renda: Receita já esclarece dúvidas pelo telefone

A Delegacia da Receita Federal de Campinas já colocou em funcionamento o Plantão Telefônico do Imposto de Renda, que, das 9 às 18 horas estará atendendo os contribuintes que tiverem qualquer dúvida no preenchimento da declaração.

Segundo Roberto Miranda, delegado substituto da Receita, o Plantão Telefônico com o número 32-5222, é mais um reforço a todo esquema de informações ao contribuinte, que já recebe um manual de instruções junto com a declaração. Na opinião do delegado, o movimento de ontem ainda foi pequeno, talvez em decorrência de ter sido o primeiro dia oficial de recebimento das declarações, nos bancos da rede arrecadadora.

Para trabalhar no plantão telefônico e também, na recepção, no saguão do prédio da Delegacia, foram treinados 20 fiscais para orientar o público no preenchimento.

Nos telefonemas de

ontem, muitos contribuintes estavam preocupados com a transformação do imposto em ORTN, alegando que não sabiam o valor da ORTN, nem tampouco, como transformar o cruzeiro dentro do novo sistema.

Quanto a esse item, a Receita Federal está divulgando que essa transformação poderá ficar em branco, que o sistema de computação fará a passagem automática, do valor em cruzeiros, para a ORTN.

Mesmo os contribuintes que queiram preencher o item que pede a transformação, não poderão fazê-lo enquanto o Governo não liberar o valor da ORTN de março, que é o mês do prazo final para entrega de declarações.

De qualquer maneira não há necessidade de se efetuar a transformação, que será completada pelos computadores.

Os bancos oficiais e particulares já estão recebendo as declarações e para que todo sistema de restituição seja favorecido, o contribuinte

deve entregar sua declaração em um banco que já tenha conta, para que o valor a restituir possa ser depositado automaticamente. Do contrário, os contribuintes que se dirigirem a bancos onde não têm conta, terão que passar por toda burocracia de abertura de uma conta, exclusivamente para receber a restituição. Para quem tem imposto a pagar ou a restituir, o prazo máximo para a entrega da declaração é o dia 25 de março para os isentos do imposto, 29 de abril. Os contribuintes que não entregarem dentro do prazo, ficarão sujeitos a uma multa de 1% ao mês sobre o imposto devido.

No caso do pagamento do imposto, quem quiser, quitá-lo à vista, poderá fazê-lo até o dia 30 de março.

Quem quiser, no entanto, poderá pagar o débito em 8 prestações, que serão reajustadas em 4,5% ao mês. Além disso, os valores de cada prestação não deverá ser inferior a Cr\$ 10 mil.

Dispensa na Minasgás reduz em 1/3 a mão-de-obra contratada

A Empresa Minas Gás de Paulínia, Distribuidora de gás em toda região de Campinas demitiu, no mês de janeiro, 25 funcionários, dos 75 contratados. Os empregados que foram pegos de surpresa pela diretoria que assumiu a empresa em janeiro, estão inclusive, tendo problemas no recebimento das rescisões de contrato. De acordo com Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Minério e Derivados de Petróleo de Campinas e Paulínia, a empresa não está pagando devidamente os direitos trabalhistas dos demitidos, como horas extras, diá-

rias, férias e ajuda de custo.

Segundo Adilson Azevedo Silva, presidente do Sindicato, as demissões são consequência direta da nova política salarial que, em sua opinião, ao invés de evitar a rotatividade irá atenuar as demissões em massa de funcionários que ganham altos salários, para a contratação de outros, com menor salário.

Logo que a nova diretoria foi nomeada, o Sindicato manteve contato para verificar as modificações e ficou certo de que seriam substituídos apenas 8 funcionários. No entanto, logo no início de janeiro a Minas Gás demitiu uma parte dos 25 empregados, completando o total de demissões no final da semana passada, o que reduziu em 1/3 a mão-de-obra contratada pela empresa, que ainda não foi substituída.

O Sindicato telegrafou

ao Ministério do Trabalho, Murilo Macedo, e ao Conselho Nacional de Petróleo, informando o fato e repudiando a atitude da direção da Minas Gás. De acordo com Adilson Azevedo, as demissões não são justificáveis, já que o setor de distribuição de derivados de petróleo, não sofre os efeitos da recessão, trabalhando sempre com uma margem de lucro controlada.

Nos entendimentos com a empresa, o Sindicato chegou a negociar a possibilidade de readmissão dos funcionários, mas ainda não obteve resposta. A diretoria se propôs a estudar o cancelamento das demissões.

Por enquanto, o Sindicato está convocando os funcionários demitidos para que compareçam a entidade a fim de que possam requerer juridicamente os direitos que não estão sendo pagos pela Minas Gás.

Muçulmanos pregam a convivência pacífica entre todos os povos

Representantes de países vizinhos, como a Colômbia e a Argentina, e também dos distantes: Indonésia e Paquistão. Ao todo, são aproximadamente 500 pessoas participando da "2ª Reunião Internacional Islâmica", que se iniciou ontem à noite no Hotel Bradesco, em Campinas. O encontro tem como objetivo principal a busca da paz entre todos os povos, e sobretudo, discutir a contribuição dos povos islâmicos nesse sentido.

Segundo Amadeu Mohamed Kheir Seirasi, da Igreja Muçulmana de Campinas, e um dos organizadores, "todas as religiões visam, em princípio, trazer à humanidade uma mensagem de paz, a partir da convivência pacífica entre os povos. Nós queremos discutir o direito humano de um povo escolher o seu modo de viver, cada um de acordo com as suas tradições e costumes".

Seirase lembrou a contribuição da cultura muçulmana para a formação de outros povos, inclusive a influência na cultura brasileira, notada nos conhecimentos da matemática, de álgebra, nas artes — sobretudo a escultura — no enriquecimento do português, na alimentação.

"Quando nos reunimos — como estamos fazendo nesta semana aqui em Campinas — a palavra de ordem é o fortalecimento do homem contra as agressões e contra a guerra. Só queremos conceber a ideia de Paz", declarou Seirasi. Trinta e oito nações estão desde ontem participando do encontro, onde se destaca a presença de embaixadores, e de jovens, principalmente os representantes do Brasil, vindo da maioria dos Estados, onde a religião islâmica vem crescendo, garantiu o dirigente campeiro.

2.000,00



zineão
COURO
CRU

Loja 1 - Rua São Pedro, nº 347 - Esq. Benjamin Constant - Cambuí
Loja 2 - Mini Shopping

TURISMO

BRASIL E EXTERIOR

Viagens Financiadas

Entregue este cupom no DIÁRIO DO POVO e peça informações

Nome

Endereço

Bairro

Telefone Cidade

Desejo viajar para

Data provável

"ANDORINHAS CONVIDA"
HOJE, QUARTA-FEIRA
a partir de 20 horas, pela

ANDORINHAS FM CAMPINAS

O clássico piano do grande mestre
DR. FRANCISCO PEDROSO BIASI
e a voz sentimental de CESAR D'OTTAVIANO,
recordando melodias imortais do cancionista
internacional, acompanhado ao piano pelo renomado
maestro FAUSTO MASSAINI

Somente a ANDORINHAS é capaz de produzir um programa de tal nível, onde se juntarão três grandes valores da música em Campinas.

"ANDORINHAS CONVIDA"
HOJE, às 20 horas, através do som puro e amigo da

ANDORINHAS, FM CAMPINAS
- INSUPERÁVEL!
- ZYD 810
103,7 MHz



RADIO
ANDORINHAS FM
CAMPINAS